



**ERA UMA VEZ:  
A RELAÇÃO DOS CONTOS DE FADAS COM A PERCEPÇÃO DAS CRIANÇAS  
SOBRE O FEMINISMO**

Rafaela Pimmel Silva<sup>I</sup>  
Maria Izabel de Amorim<sup>II</sup>

**Resumo:** O presente estudo tem como objetivo analisar qual a relação dos contos de fadas com a percepção de feminismo em crianças, investigando se as mesmas ainda se identificam com os contos de fadas clássicos e comparando as respostas por gênero. Trata-se de uma pesquisa de campo, de abordagem qualitativa, do tipo exploratória. Foi realizado em uma escola no sul do estado de Santa Catarina, com alunos do 4º ano do ensino fundamental, com idade entre 09 e 10 anos, totalizando sete meninas e um menino. A coleta de dados consistiu em um grupo focal, onde as crianças respondiam algumas perguntas e compartilhavam entre si suas percepções acerca dos contos de fadas. Através do grupo ficou evidente que os contos de fadas são de suma importância para o desenvolvimento infantil, e as crianças não só gostam dos contos de fadas clássicos, como também preferem as histórias antigas. Notou-se também, que os contos de fadas ainda são vistos como território feminino, onde os meninos não se sentem à vontade em falar sobre. Também evidenciou-se que os contos podem interferir na percepção das crianças, já que em sua maioria são frutos de uma época dominada pelo patriarcado, refletindo um padrão de estética irreal, uma crença que as mulheres não são livres e são inferiores aos homens, sempre precisando de sua proteção.

**Palavras-chave:** Contos de Fadas, Princesas, Crianças, Feminismo.

## 1 INTRODUÇÃO:

O feminismo pode ser descrito como um movimento político e social que busca não a igualdade, mas sim a equidade de gênero (CRUZ, [ET AL., 2020](#)). Teve seus primórdios a partir do séc XIX, com as reivindicações pelos direitos de liberdade e igualdade que foram conquistados pelos homens na Revolução Francesa através da publicação da Declaração dos Direitos do Homem e do cidadão (CARMO, [ET AL., 2021](#); GURGEL, 2010). Essa exclusividade proposital do gênero masculino presente na lei, por sua vez, fez com que as mulheres da época começassem a questionar quem protegeria e garantiria os seus direitos? E assim, nasceu o movimento social chamado feminismo.

Formatado: Realce

Formatado: Realce

<sup>I</sup> Acadêmica do curso Psicologia da Universidade do Sul de Santa Catarina – Unisul. E-mail: rafapimmels@gmail.com. Artigo apresentado como requisito parcial para a conclusão do curso de Graduação em Psicologia da Unisul. 2022.

<sup>II</sup> Orientador: Prof. Maria Izabel de Amorim, Mestre em Educação.

De lá para cá, o movimento feminista já percorreu muito chão e marcou história. De Simone de Beauvoir e a publicação de *O Segundo Sexo* (1949), a conquista do voto, do direito de trabalhar fora, a luta contra o patriarcado, o sexismo e a violência doméstica, isto é, não se pode negar o avanço e o quão longe o movimento já chegou. Entretanto é viver em um “conto de fadas” e fechar os olhos para a realidade atual, afirmar que não há mais nada a ser feito.

Segundo Lima (2020), apesar das muitas conquistas ~~já realizadas mencionadas atingidas~~, uma ~~série de~~ desigualdades ~~enfrentadas~~ por conta de seu ~~gênero gênero~~. Autoras como Tiburi, (2018), Carmo et. Al, (2021), Santos et. Al, (2015), Cruz et. Al, (2020), Arruzza et. Al, (2019) destacam algumas barreiras a serem vencidas e mudanças necessárias dentro do movimento.

Para além da “costela”, a mulher é um pedaço componente da histórica social do mundo e deve ser percebida como tal, dentro de perspectivas como particulares. Por esse motivo generalizar o feminismo é restringi-lo a um único padrão de mulher, desconsiderando o contexto social de várias outras mulheres que são matriarcas de suas famílias, seja ela sua cultura ou pela sua atuação (SANTOS et. Al, 2015, p. 08).

Ainda segundo Santos et. ~~al~~Al (2015) o feminismo atualmente é muito conhecido pelo nome em si, entretanto poucos tem conhecimento de seus ideais reais em torno da ideologia do movimento, que busca reivindicar os direitos socioculturais e políticos das mulheres. Resumindo, ~~poucos os~~ movimentos sociais ~~se interessam interessados~~ em estudar e se inteirar uma perspectiva da historicidade da luta desse ~~movimento movimento~~ ~~ainda são~~ ~~minoria~~

Segundo Carvalho (2010) apud Brabo (2015), apesar das tentativas do movimento feminista em incluir as questões de gênero na legislação e nas políticas, constata-se que o Estado liberal-democrático e a cultura política atual, ainda são uma construção masculina, baseadas na separação entre a esfera pública e a privada. Reservando sempre ao homem o direito de trabalhar fora, e por sua vez, às mulheres os deveres do lar.

Lucena (2021) ainda nos expõe que as diferenças entre homens e mulheres é um dos assuntos mais polêmicos nas discussões acadêmicas, já que é possível ressaltar uma preponderância dos homens nos papéis de protagonismo da sociedade, revertendo-se em privilégios para estes, fato que por sua vez não se adequa para as mulheres. A autora ainda vai mais longe a nos fazer questionar se essa desigualdade pode ou não ter origem na educação que somos impostos na infância.

Quando falamos em educação, falamos de todos os processos em que o indivíduo se constrói como pessoa, como agente da história, da sua história, que envolve, além da escola, o trabalho, as artes, a família, associação profissional, o lazer etc. (OTT, 1993). Nesta perspectiva, podemos pensar que não se estaria educando para a cidadania plena se esta parte silenciada da

história, que trouxe consequências importantes para a vida das mulheres, para o reconhecimento de seus direitos, continuasse esquecida (BRABO, 2015, p. 119).

Sendo assim, é irrevogável afirmar que a escola ainda cumpre o papel de reforçadora de estereótipos e papéis específicos para ambos os sexos, e que ainda não superou a visão patriarcal de mundo, que contribui para a continuidade da desigualdade de gênero (Brabo-BRABO, 2015). Destaca-se a necessidade de investimento na formação de educadores (as) para que se tornem sensíveis à questão de gênero nos cursos de formação inicial e em cursos de formação continuada, pois pesquisas mostram que ainda gênero é invisível aos olhos dos educadores e das educadoras (BRABO, 2015).

Portanto, além da preparação dos docentes, também devemos destacar a importância do ensino e das atividades lúdicas dentro da construção da personalidade das crianças. Entre elas, podemos destacar as histórias de contos de fadas. De acordo com Lima et. al- (2016) a literatura infantil que conhecemos hoje surgiu no século XVIII com a intenção de formar moral e socialmente as crianças, fato que é repetido atualmente, pois os contos de fadas sempre visam passar lições de vida e valores para os pequenos leitores. Segundo Bettelheim (2007 apud Maciel e Rocha, (2020), para chamar atenção da criança a história precisa imaginação e desenvolver seu aspecto cognitivo. É através de uma história que as crianças se inspiram ou se identificam com ~~base-nos~~ personagens, portanto essas fantasias influenciam diretamente no desenvolvimento da personalidade e no reconhecimento da importância de seu dever e papel social (GUIMARÃES et. al-~~et. al-~~, 2017).

Todavia autores como Santos (2015), Martins (2006), Almeida et. al (2021), Breder (2015) e Xavier (2011) criticam a forma como as mulheres são retratadas nas histórias de princesas. Além do estereótipo irreal (brancas, magras, com cinturas extremamente finas e irreais) também temos o papel de vítima. Isto é, mesmo que sejam protagonistas das suas histórias, estão sempre em perigo, à mercê de esperar que o príncipe encantado as salve, quando não estão em função de cozinhar, limpar, cantar, ir a bailes, etc. São beijadas dormindo sem consentimento, não trabalham, e tem suas trajetórias encerradas com o “casaram e foram felizes para sempre” como se a jornada de uma mulher e sua felicidade estivesse sempre amarradas a ideia do casamento, do marido e do lar. Apesar de que atualmente as histórias tenham evoluído e deixado alguns desses absurdos para trás, o fato é que ainda há muito machismo presente nos contos de fadas, mesmo que mascarado. Portanto, se os contos exercem funções tão importantes no desenvolvimento cognitivo e na construção da personalidade das nossas crianças, não deveríamos nos preocupar mais com o tipo de história que as crianças estão lendo?

A pesquisa se faz relevante, pois pretende analisar qual a relação dos contos de fadas com a construção da perspectiva feminista nas crianças. O machismo e a violência contra a mulher são uma realidade problemática que vem assombrando nossa sociedade. Muito se discute sobre a origem do machismo, e é irrevogável que o machismo está estruturado na nossa cultura, fruto de anos em que o patriarcado ditou a forma em que vivemos. Tal fato se deve porque a maioria da sociedade provém de uma criação patriarcal que reproduz o machismo, tanto no ambiente escolar quanto no lar.

Assim sendo é interessante avaliarmos os conteúdos que as crianças consomem e como isso afeta suas percepções e personalidade. Pois como disse Emma Watson: “se não se obriga um homem a acreditar que precisa ser agressivo, a mulher não será submissa. Se não se ensina a um homem que tem de ser controlador, a mulher não será controlada (informação verbal)”.<sup>III</sup>

## 2. QUEM TEM MEDO DO FEMINISMO?

Segundo Tiburi (2018), feminismo é uma palavra capaz de despertar amor ou ódio em demasiada intensidade nos ouvidos de quem escuta. Entretanto, para melhor entender o porquê de tanta discordância, regressamos aos primórdios em busca de entender o que é o movimento e um pouco de sua história.

De acordo com Alves e Pitanguy (2017), ~~é difícil estabelecer compreender~~ uma definição ~~precisa singularde sobre que seja conceito de~~ feminismo, ~~visando visto~~ que o movimento é um processo que tem ~~raízes primórdios~~ no passado, ~~se constrói e reconstrói no cotidiano permitindo se estabelecer em constante metamorfose.~~  ~~não tendo um ponto predeterminado de chegada, que por sua vez~~ como todo processo de transformação, contém contradições, avanços, recuos, medos e alegrias.

Todavia alguns autores arriscam conceituar. Para Birolli e Miguel (2015), é uma teoria política diversificada que busca investigar a organização social com foco na desigualdade de gênero. Oliveira e Cassab (2014) destacam como um movimento de caráter crítico e reivindicação de direitos igualitários entre homens e mulheres. Alves e Alves (2013) ~~apud~~ Soares (1994) ~~entende conceitua~~ como a ação política das mulheres, ~~englobando teoria, prática e ética, que permite reconhecendo as las mulheres,~~ historicamente, como sujeitos ~~da transformação de transformadores de~~ sua própria condição ~~sociaisocial~~. Já Garcia (2018) classifica como a retomada de consciência das mulheres como coletivo humano contra as

<sup>III</sup> Discurso realizado por Emma Watson, embaixadora da Boa Vontade da ONU Mulheres, para a campanha HeForShe em Setembro de 2014

Formatado: Não Realce

Formatado: Realce

Formatado: Realce

Formatado: Não Realce

Formatado: Não Realce

Formatado: Não Realce

Formatado: Não Realce

repressões do patriarcado em busca da liberdade de seu gênero, também se entendendo tanto como filosofia política como movimento social.

Portanto podemos entender que o feminismo é uma ideologia que busca libertar as mulheres das amarras e preconceitos impostos pelo patriarcado ao longo dos anos. Entretanto, o feminismo é abrangente, sendo muito mais do que um movimento exclusivamente do gênero feminino. Finalizando o conceito, temos Tiburi (2018), que afirma que o feminismo é que nos leva à luta pelos direitos de todas, todes e todos. Todas ~~porque pois~~ quem ~~leva começa~~ essa luta mulheres. Todes ~~porque visto e feminismo que o movimento~~ libera ~~eu~~ as pessoas de se ou homens abrindo espaço para ~~outras expressões discussões de sobre~~ gênero e certa ideia de humanidade e, ~~por isso mesmo isto é~~, considerando que ~~aquelas pessoas os sujeitos~~ homens também devem ser incluídas em um processo realmente ~~democrático democrático~~.

## 2.1 TÃO, TÃO DISTANTE: A HISTÓRIA DO FEMINISMO:

Foi a partir do século XIX, durante a revolução Francesa que houve as primeiras reivindicações das mulheres tanto nos Estados Unidos como na Europa. Entretanto, vale ressaltar que já existiam reivindicações anteriores a esse período realizadas por mulheres e por todas as pessoas que se sentiam oprimidas, injustiçadas, mas foi exclusivamente nessa época que as reivindicações começaram a receber mais atenção. Porém somente no século seguinte as mulheres vieram a se organizar e fazer um movimento feminista, que ficou conhecido como o movimento das sufragistas, também chamado de a “primeira onda” do feminismo (CARMO [et. al, 2021](#)).

As mulheres do movimento reivindicavam alcançar igualdade com os homens, acreditando que iriam atingir essa finalidade por meio da educação e de uma relação mais simétrica dentro do casamento, e o direito ao voto feminino, confrontando os estereótipos de feminilidade da época, que atrelavam a mulher ao lar, deixando as questões políticas a cargo exclusivamente dos homens (CARMO [et. al ET. AL, 2021](#)).

Um homem não teria a ideia de escrever um livro sobre a situação singular que ocupam os machos na humanidade. Se quero definir-me, sou obrigada inicialmente a declarar: “sou uma mulher”. Essa verdade constitui o fundo sobre o qual se erguerá qualquer outra afirmação. Um homem não começa nunca por se apresentar como um indivíduo de determinado sexo: que seja homem é natural. (BEAUVOIR, 1961, p. 9).

Contudo, as mulheres foram ridicularizadas pelos homens, nos jornais e propagandas. Como não houve compreensão da população machista, as mulheres tornaram o movimento mais intenso, quebrando algumas propriedades e fazendo greves de fome (CARMO ET. AL, 2021, apud PINTO, 2010). Entretanto foi graças a essa conduta que o movimento ganhou mais visibilidade, por um lado negativa das pessoas que criticavam a atitude, por outra positiva, pois fazia alguns homens refletirem sobre a importância desses direitos para o grupo, e as mulheres que ainda não apoiavam ao movimento começaram a pensar e a argumentar que também possuíam tais direitos (CARMO ~~et. al~~ET. AL, 2021).

Porém vale ressaltar que o movimento na época, representava apenas problemas das mulheres brancas heterossexuais da classe média e da elite, excluindo as mulheres negras, homossexuais, trabalhadoras, proletárias, que tinham outras demandas, como desigualdades salariais, que ocorriam normalmente dentro das indústrias (CARMO ET. AL, 2021), (SANTOS ET. AL, 2015).

A segunda onda feminista ocorre em 1960 e vai até 1980. Direitos foram conquistados na maior parte dos países, mas as mulheres eram iguais aos homens perante a lei apenas no papel, pois na prática essas igualdades não ocorriam (CARMO ET. AL, 2021, p. 108). Defendiam melhores condições de trabalho, salário digno, medidas de saúde e segurança, associações profissionais, partidos políticos, obtendo autonomia em relação aos seus direitos (OTTO, 2004 apud CARMO ET. AL, 2021).

Com base em Carmo et. ~~a~~Al, (2021) e Martins (2015), o movimento buscava incorporar pautas culturais, ~~desta vez relacionadas ao questionamento dos~~questionando os padrões sociais papéis específicos nas relações afetivas, na vida política e no trabalho, ~~o que estaria na base da~~ desigualdades. ~~Também~~ Também buscavam questionar a feminilidade? ~~Por que ainda existea~~ era ser mulher? ~~Faz-se~~As autoras (2021) e (2015) ~~uma ressalva para~~ressalvam -três grandes que ajudaram a ~~expandir~~ divulgar o feminismo pelo mundo; Simone de Beauvoir, Carol Fridman. ~~Essas autoras~~Foram através de suas obras ~~trouxeram que houve~~ uma nova concepção ~~busca~~ seus direitos e valores, negados ~~por um modelo tradicional de ideias machistas~~ pelo

Sendo assim, a segunda onda do movimento feminista teve forte influência na conquista dos direitos da mulher sobre o seu corpo, políticas públicas como sexualidade feminina e violência contra a mulher, direitos reprodutivos, programa de combate ao Câncer de mama e colo de útero entre outros (CARMO ~~et. al~~ET. AL, 2021).

A terceira onda teve início na década de 1990, sob a força do movimento negro, movimentos homossexuais, lesbianismo, transexuais entre outros. Trouxe como pauta questões como prevenção, punição e da violência contra a mulher, sendo esses eventos resultantes ~~de~~

~~lutas, com manifestações e atuações femininas~~ [lutas, manifestações e atuações das mulheres \(CARMO et. al, 2021\)](#). Graças a essas conquistas, nasceu uma nova visão da sexualidade com a autonomia, liberdade e valorização da mulher, diminuindo dessa forma as relações de desigualdade entre os gêneros (MIRANDA, 2015).

Portanto foi através de um longo caminho, enfrentando as barreiras do machismo e patriarcado, que as mulheres conquistaram liberdade de expressão do pensamento, seu direito a voto, seu lugar na política, o direito de trabalhar fora em profissões muitas vezes dominadas pelos homens, o direito sobre o seu próprio corpo, a sua sexualidade e o direito de decidir sobre a contracepção, esterilização, abortos previstos em lei e opção sexual (CARMO [et. al](#), [et. al](#)).

### 3. CONTOS DE FADAS:

Segundo Merege (2019) os contos de fadas têm origem desde a pré-história, com histórias que eram contadas por Xamas e Anciões de tribos e passadas de geração em geração. São considerados literaturas antigas que expõem a criança a situações que provocam desejos, curiosidades e medos, as fazendo adentrarem na realidade de forma lúdica, através de conflitos entre mães e filhos, carência afetiva e entre outros. Entretanto para que o aprendizado ocorra é necessário que os contos tenham valor significativo para as crianças para que reconheçam suas dificuldades e soluções para seus problemas ~~internos-internos~~ (FALCONI; FARAGO, 2015, [p. 86](#)).

De geração em geração, os contos de fadas são preservados e passados para as crianças ao longo do tempo. De acordo com Merege (2019) a narrativa é uma das artes mais antigas da história da humanidade. Afinal, que criança nunca quis escutar uma famosa história para dormir? Histórias como: Chapeuzinho Vermelho, Rapunzel, Cinderela, o Lobo Mau e todos os seus companheiros continuam sendo os antídotos mais eficientes contra as angústias e temores infantis (RESSURREIÇÃO, 2010, p. 20).

Para Bettelheim (2015), a tarefa mais ~~importante e mais difícil~~ [complexa](#) na criação de encontrar significado na ~~vida, vida~~

A fantasia dos contos de fadas é fundamental para o desenvolvimento da criança. Há significados mais profundos nos contos de fadas que se contam na infância do que na verdade que a vida adulta ensina. É por meio dos contos infantis que a criança desenvolve seus sentimentos, emoções e aprende a lidar com essas sensações (RESSURREIÇÃO, 2010, p. 19).

Portanto, para Bettelheim (2015) e Falconi e Farago (2015), a criança encontra esses significados através das histórias. Os contos têm muita relevância para as crianças, visto que eles permitem dar sentido aos seus sentimentos, ajudando a organizar e expressá-los. Também permite que a criança se encontre em seu ser psicológico e emocional, refletindo em sua educação conceitos significativos. Esses significados ela encontra ao ser ouvinte ou ao ter contatos com os contos de fadas.

### 3.1 E O PRINCIPE SALVA A PRINCESA? EVOLUÇÃO DOS CONTOS DE FADAS:

De acordo com Magalhães (2003, apud ARAÚJO 2017), é visível que com o passar dos anos e a construção de uma nova sociedade, também vemos uma nova criança e por sua vez novas discussões sobre os desenhos infantis e seu papel pedagógico. Portanto, essa nova criança passa a não se interessar mais por determinados conteúdos, uma vez que a mesma interage e se reconhece com assuntos que de certa forma se relacionem com seu cotidiano.

Quando pensamos em contos de fadas, podemos destacar ~~os contos dos irmãos Grimm~~ principalmente ~~as histórias de~~ as histórias de princesas. ~~As As~~ princesas foram retratadas em filmes pela Disney ao longo dos anos e ganharam os imaginários das crianças. Graças às figuras que despertam o imaginário infantil com sua beleza, seus vestidos ~~suntuosos~~ e castelos ~~imiscuidos~~ (AGUIAR; BARROS, 2015).

Entretanto, vale ressaltar que o estereótipo e a história em si das princesas não permaneceram iguais. ~~Desde Ao~~ ~~comparar o~~ lançamento do primeiro filme, Branca de Neve e Anões, em 1937, até ~~o último, lançado em 2013,~~ Frozen: Uma Aventura Congelante (2013), histórias evoluíram de acordo à ~~emancipação feminina~~ ~~sociedade se transformava~~ (LOPES,

A era chamada: princesas clássicas foi a primeira fase dos contos de princesas. Refletiam o que a sociedade sob a ótica masculina esperava da mulher da época de 1940/1950: que fossem belas, submissas, femininas e delicadas. As princesas Branca de Neve, Cinderela e Aurora são brancas, possuem uma forte ligação com as tarefas da casa, não possuem ambição na vida que não estejam relacionadas ao casamento, tanto que ambas no final das histórias são resgatadas por príncipes e supostamente vivem “felizes para sempre”, sem mais detalhes sobre suas personalidades e ambições (LOPES, 2015).

Já as princesas rebeldes quebravam um pouco com a premissa das donzelas a espera de um homem que as salve, novamente refletindo o que o movimento dos anos 80 e 90 pregavam pelas mulheres. Ariel, Bela, Jasmine, Pocahontas e Mulan tem em comum em suas histórias a

autonomia e determinação de viver suas vidas e fazer suas escolhas diferentemente do que os homens em suas vidas ou a sociedade esperava. Também vemos a representação de outras raças e etnias, já que Jasmine é muçulmana, Mulan é oriental e Pocahontas é índia (LOPES, 2015). Entretanto apesar dos avanços, ainda é possível perceber que no fim das contas as histórias dessas princesas são atravessadas por príncipes e casamento, contrariando a ideia de rebeldia.

Por fim temos as princesas contemporâneas, representadas por Rapunzel, Tiana, Mérida, Anna e Elsa que representam o atual momento em que vivemos. Essas princesas [buscam seguir o modelo de uma mulher que busca valorizar](#) o equilíbrio entre sua individualidade, histórias se baseiam em questões de trabalho, família e desejo de liberdade. E mesmo que suas histórias sejam esbarradas em algum ponto por romances e príncipes, percebemos que essas princesas buscam equidade e cumplicidade em seus relacionamentos, não estão esperando ser salvas e nem tentando salvar alguém (LOPES, 2015).

#### 4. PSICOLOGIA EVOLUTIVA

Palacios (2004) define a psicologia evolutiva como a disciplina que se dedica ao estudo das mudanças psicológicas que ocorrem nas pessoas ao longo do seu desenvolvimento, separadas por fases de acordo com suas idades. Discorre sobre a conduta humana, tanto em seus aspectos externos e visíveis como nos internos e não diretamente perceptíveis. Quanto ao desenvolvimento infantil podemos comentar sobre as teorias dos autores Vygotsky e Wallon, famosos por suas contribuições no desenvolvimento infantil.

##### 4.1 VYGOTSKY

De acordo com Felipe (2009) e Palacios (2004) Lev Semenovich Vygotsky (1896-1934) foi um importante estudioso russo das áreas de história, filosofia, psicologia e literatura. Tinha como fonte de inspiração a filosofia marxista e sua ênfase no papel do social, e acreditava na importância que o meio tem na transformação do sujeito e vice versa. Diferentemente de outros teóricos da Psicologia evolutiva, o russo não acreditava em estágios evolutivos, apesar de reconhecer que em determinadas fases de sua vida, as crianças num contexto geral, estariam aptas para determinadas ações.

Assim para Vygotsky, o funcionamento psicológico se estrutura a partir das relações sociais com o mundo exterior, dentro de um contexto histórico que é influenciado por uma determinada cultura. Para ele, essas relações eram mediadas por um sistema simbólico que tinha

como papel principal a linguagem, pois é através da linguagem que o sujeito é capaz de expressar e materializar seus pensamentos (FELIPE, 2009).

O uso dessa linguagem por sua vez, ocorre de forma gradual pois para Vygotsky primeiro a criança usa a fala socializada, isto é, apenas para se comunicar, só mais tarde ela passa a entender a linguagem como forma de pensamento. Por isso a importância do brincar de faz de conta, pois para o teórico, é assim que perceberemos se a criança já é capaz de simbolizar e diferenciar o objeto do significado. Também ressalta se a importância da convivência com outras crianças, pois para ele as crianças são capazes de aprender com outras crianças através da observação e imitação (FELIPE, 2009).

Vygotsky ainda nos traz os conceitos de *nível de desenvolvimento real* e *nível de desenvolvimento potencial*. O primeiro refere se a etapas que a criança já concluiu, isto é, atividades que a mesma já é capaz de realizar sozinha. Enquanto o segundo refere se a capacidade da criança de desempenhar atividades com a ajuda de outras pessoas. Entretanto para Vygotsky a criança será completamente capaz de desempenhar essas atividades por sua vez, se for estimulada e ensinada a realizar sozinha. Por isso a importância da escola no desenvolvimento infantil, pois para o autor é principalmente nesse ambiente que pode se intervir nessa zona, incentivando o sujeito a realizar tarefas sozinho que conseqüentemente ele não faria espontaneamente (FELIPE, 2009).

#### 4.2 WALLON

Os autores Felipe (2009) e Palacios (2004) afirmam que Henri Wallon (1879-1962) foi um médico francês famoso na área da neurologia. Pensava na evolução do indivíduo em diferentes vertentes como a emocional, a intelectual e a social contemplando questões como a afetividade, motricidade e inteligência. Destacava a importância da sociogênese, pois acreditava que a ação do outro sobre a criança e as interações com os meios tinham um papel configurador chave em seu desenvolvimento. Era adepto à teoria organicista e descrevia o desenvolvimento infantil como um processo dividido por estágios, mas de forma descontínua, isto é, a cada novo estágio que a criança passava seus conhecimentos passavam por uma reformulação de ideias, e não somente adições ou reorganizações dos estágios anteriores.

Entre os estágios de Wallon temos:

- **Estágio Impulsivo Emocional:** Ocorre durante o primeiro ano de vida. É a fase de construção do sujeito, onde temos as relações emocionais com o ambiente que permitem que a criança desenvolva habilidades como pegar, olhar, andar, etc. (FELIPE 2009).

- **Estágio Sensório Motor:** Ocorre durante o primeiro ano de vida e vai até os três anos. Predomina nessa fase as relações cognitivas com o meio, pois a criança desenvolve a inteligência prática, a fala, a capacidade de explorar e de simbolizar (FELIPE, 2009).
- **Personalismo:** Ocorre entre os três e seis anos. Através das interações sociais, a criança constrói a sua consciência sobre si, amplia suas relações afetivas e começa a diferenciar a razão de emoção (FELIPE, 2009).
- **Estágio Categorial:** Ocorre a partir dos seis anos. Com o progresso intelectual adquirido a criança passa a se concentrar na sua curiosidade com o mundo exterior, vinculando suas relações com o meio e progredindo cognitivamente (FELIPE, 2009).

Portanto nessa perspectiva, para Wallon os estímulos do espaço, das pessoas próximas e da linguagem, afetavam diretamente no desenvolvimento infantil (FELIPE, 2009).

Sendo assim, Vygotsky e Wallon bebem da mesma fonte ao acreditar que o desenvolvimento infantil se dá principalmente nas relações entre o indivíduo e o meio, o que diferencia suas teorias é que enquanto para o primeiro a chave dessa relação é a linguagem, para o segundo a emoção é a primeira forma de comunicação do sujeito (BASTOS; PEREIRA, 2013 apud VIEIRA, 1996).

## 5. METODO

A classificação da pesquisa é exploratória. Segundo Correa et. Al. (2013), a pesquisa exploratória é desenvolvida no sentido de proporcionar uma visão geral acerca de determinado fato, isto é, o objetivo desse tipo de estudo é procurar padrões, ideias ou hipóteses, não necessariamente testar ou confirmar uma teoria, e sim realizar descobertas. Isso ocorre porque, na pesquisa exploratória, busca-se conhecer, mais profundamente o tema abordado, de modo a torná-lo mais claro, já que as pesquisas exploratórias são úteis quando o tema em estudo foi pouco explorado.

A abordagem é qualitativa, para Gasque (2007) a pesquisa qualitativa baseia-se em várias abordagens teóricas resultantes de diferentes linhas de desenvolvimento, considerando a subjetividade dos pesquisadores e sujeitos pesquisados, tornando as reflexões, impressões e sentimentos dos pesquisadores, dados e contribuições para a pesquisa.

Quanto aos procedimentos foi realizada uma pesquisa de campo. Segundo Gonçalves (2001) a pesquisa de campo busca a informação diretamente com ~~a população pesquisada~~ o pesquisador ~~precisa~~ deve ir ao espaço onde o fenômeno ocorre, ou ocorreu para ~~reunir~~ constituir de dados e ~~informações~~ informações.

O público alvo da pesquisa consiste em 8 crianças cujo os pais aceitaram participar da pesquisa, sendo 7 meninas e 1 menino, estudantes do 4º ano do ensino fundamental de um município do sul de Santa Catarina, com idade entre 9 e 10 anos.

Os critérios de exclusão foram: não ser alfabetizado, não conhecer as histórias de conto de fadas, não comparecer a aula nos dias da pesquisa ou abandonar a discussão antes do final estipulado.✚

O contato com a escola foi realizado presencialmente, onde fora conversado com a diretora sobre o propósito da pesquisa tendo autorização da mesma para a realização do projeto.

Só participaram da pesquisa os alunos que tiveram o termo de responsabilidade assinado pelos pais. A turma do 4º ano era composta por 21 alunos, desses somente 8 crianças foram autorizadas a participar.

A pesquisa foi realizada presencialmente, entretanto todos os cuidados foram tomados em prol de evitar a propagação do COVID-19. A pesquisa foi realizada numa sala de aula da escola, arejada e com as janelas abertas.

A coleta de dados foi realizada através de uma entrevista semi estruturada com perguntas abertas, por meio da técnica chamada grupo focal. Kitzinger (2000) ~~apud Trad\_~~(2009) define grupo focal como uma forma de entrevistas com grupos, que se baseia na interação, sendo o principal objetivo ~~é reunir~~ buscar informações detalhadas sobre um a partir de um grupo de participantes selecionados. Ele busca colher informações que possam

Os princípios éticos que norteiam essa pesquisa tiveram como base as exigências do Comitê de Ética em Pesquisa com seres humanos, previsto na resolução CNS/466/12 e 510/16. Por se tratar de uma pesquisa com seres humanos e menores de idade, este projeto foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Unisul e aprovado, além de contar com o uso do Termo De Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) assinado pelos alunos interessados em participar da pesquisa e também a autorização dos pais ou responsáveis legais dos mesmos.

A pesquisa possui riscos mínimos, pois foi explicado aos participantes que o encontro seria gravado buscando sempre preservar a questão sobre o sigilo. No caso de desconforto os participantes tiveram total autorização de abandonar a pesquisa ou não responder determinada pergunta.

A pesquisa busca trazer inúmeros benefícios, pois busca investigar um fenômeno pouco explorado que por sua vez poderá servir como base para outras futuras investigações sobre a mesma problemática.

A discussão dos resultados obtidos foi realizada através de uma análise de conteúdo, que de acordo com Bardin (2011) seria um conjunto de técnicas de análise das comunicações

visando a obter indicadores (quantitativos ou não) que permitam respaldar os conhecimentos obtidos.

## 6. RESULTADOS E DISCUSSÕES:

A pesquisa foi realizada com 8 crianças estudantes do 4º ano do ensino fundamental em uma escola localizada no estado de Santa Catarina. Foram 7 meninas e 1 menino com idades entre 9 e 10 anos. Segue abaixo quadro para identificar os entrevistados, contudo a fim de proteger a identidade dos mesmos, será utilizado a sigla E para entrevistado, seguido de um número para diferenciar.

Quadro 1:

Entrevistado:	Idade:	Sexo:
E1	10 anos	Masculino
E2	09 anos	Feminino
E3	09 anos	Feminino
E4	10 anos	Feminino
E5	10 anos	Feminino
E6	09 anos	Feminino
E7	09 anos	Feminino
E8	09 anos	Feminino

Fonte: Elaborado pela autora (2022).

Os dados foram coletados por meio de um grupo focal realizado durante uma aula cedida pela professora, seguindo um roteiro de perguntas semi estruturadas. As perguntas foram baseadas nos objetivos específicos e geral da pesquisa. As respostas foram transcritas e analisadas, onde foram categorizadas para melhor compreender e explicar a proposta da pesquisa.

### 6.1 O PRINCIPE E A PRINCESA? A SEPARAÇÃO ENTRE FEMININO E MASCULINO NO UNIVERSO INFANTIL.

Segundo a autora Finco et. Al. (2018) durante muito tempo questões como respeito à diversidade, ficaram fora dos debates sobre educação. Contudo hoje é um dos temas centrais das preocupações contemporâneas em diversos países, inclusive no Brasil. A opressão

sempre existiu e continua presente em nossa sociedade e nas instituições que a compõe. Nas escolas podemos destacar as relações empreendidas entre meninos e meninas, mas também os homens e mulheres que fazem parte dos grupos sociais, já que os sujeitos também estão na sociedade vivenciando e reproduzindo, mesmo que de maneira inconsciente, relações machistas, produzidas e reproduzidas cotidianamente (MENDES; SILVA, 2015).

As autoras Camargo e Salgado (2019) ressaltam que as desigualdades entre meninos e meninas tem seus primórdios nos discursos presentes na educação infantil, que colocam a infância como momentos de prevenção e correção de comportamentos que destoam da norma “meninos x meninas”. Segundo Vygotsky e Wallon, os sujeitos aprendem e dão sentidos diversos, de acordo com suas histórias de mediação e constituição (HIGA, 2016).

O autor Araujo (2017) também nos traz, que as crianças por si só, não fazem essa distinção de comportamentos/brincadeiras por gênero, e que muitas vezes reproduzem os padrões que observam no seio familiar.

Os brinquedos não descrevem masculinidades ou feminilidades, eles produzem-nas, nada é natural, trata-se de um projeto social contra as dissidências da heteronormatividade, marcado por “protocolos invisíveis”: estes são mediados pela linguagem (verbal e não verbal) e determinam a formação compulsória de uma identidade de gênero hegemônica, visando moldar o desejo dos corpos de acordo com a matriz da heterossexualidade, desde a mais tenra idade (ARAUJO, 2017, p.10).

Durante o grupo, foi possível ressaltar demasiada dificuldade em abordar o assunto de contos de fadas com o único participante do sexo masculino, onde ele se esquivava das perguntas ou demonstrava vergonha em responder.

“Ai não sei né, contos de fadas não é só história de princesa, porque ai é coisa de menina né (risos), não sei se eu gosto, eu gosto de história de super herói.” [sic] (E1).

“Não sei muito se eu sei imaginar como seria uma princesa” (E1).

Segundo Mendes e Silva (2015), as relações existentes na escola são marcadas pelos espaços e símbolos que dizem quais lugares estão reservados às meninas e aos meninos. [Os autores destacam que isso ocorre tão naturalmente. Esse fato acontece de maneira tão “natural”](#) percebido como é feita a concretização das diferenças dentro desse [ambiente contexto](#). autores Mendes e Silva (2015) e Gibim e Muller (2018) trazem que as crianças no período escolar, tendem a enxergar as funções do homem mais ligadas a trabalhos braçais e atividades fora de casa, e as mulheres mais ligadas aos serviços domésticos e obrigações familiares.

Tal fato pode ser explicado quando analisamos as brincadeiras de meninas e meninos [aos olhos dentro](#) da sociedade, [enquanto já que](#) meninos são incentivados [a brincar com](#)

de heróis que salvam a cidade, dentre outros. E aAs meninas tem um enfoque em brincadeiras ligadas as tarefas domiciliares e maternidade com panelinhas, fornos, bonecas, histórias de princesas que são salvas e casam com os príncipes, etc. E seguindo esse pensamento de brincadeiras separadas por gênero, muitas vezes os pais reprimem seus filhos não deixando eles terem contato com as brincadeiras “predefinidas” para o sexo oposto (SILVA; JORGE; FERREIRA, 2020).

Podemos pontuar que as meninas também demonstraram falas que expõem esse local de menino x menina, já que muitas vezes riam quando o participante queria falar.

“O E1 vai participar? Mas ele é menino né, não é sobre história de princesas?” [sic] (E4).

“Mas como ele vai responder o que é uma princesa? Ele tem que responder de príncipe né, porque ai é de menino” [sic] (E7).

Segundo estudos sobre preferencias de leitura, as meninas gostam mais de contos de fadas, enquanto os meninos buscam outros tipos de leitura como poesia e ciência (KIKUSHI; PULLIN, 2009). Ainda de acordo com dados do Programa Internacional de Avaliação de Alunos (Pisa) 2012, as meninas superam meninos em leitura numa proporção que equivale a um ano inteiro de escola, sendo que tal afirmação pode ser explicada ao analisarmos que as garotas são muito mais orientadas para carreiras de ciências humanas. Isso tem a ver com o fato de a sociedade acreditar que elas são mais aptas nas relações interpessoais, o que é uma visão equivocada que vem da história de servidão das mulheres aos homens (TINOCO, 2014).

Sendo assim, podemos destacar a importância de rever tais formas de ensinar as crianças:

Essa determinação sobre o que é para o feminino e para o masculino causam um sentimento que durará por toda a vida. Os homens não poderão mostrar fragilidade, sempre devem demonstrar ser fortes, e criará um desdém para as tarefas domésticas, já as mulheres deveram sempre ser frágeis e depender dos homens para “protege-la”, e jamais deveram ter uma personalidade mais forte. Esse tipo de construção de personalidades irá reprimir todo tipo de diferença, causando homens frustrados e mulheres incapazes (SILVA; JORGE; FERREIRA, 2020, p.ég. 4-5).

Essa visão dos meninos sobre os contos de fadas serem parte do “universo feminino” pode ser prejudicial para as crianças do sexo masculino. Como já vimos, os contos de fadas exercem um papel fundamental na construção da personalidade nas crianças pois é através deles que as crianças tem seu primeiro contato com as questões éticas e morais, além de ser o primórdio da leitura infantil. Esse pré-conceito dos garotos pode interferir no futuro os afastando do hábito de ler e possivelmente prejudicando sua capacidade criativa de fantasiar. Pois segundo (~~Wallon~~ALLON) (~~—~~1975 apud SILVA; RIBEIRO, 2015) ~~afirma que~~ o ser

humano é essencialmente emocional, sendo a emoção, o elo de ligação do ser com o meio exterior. E sendo o homem um ser físico e social, está sujeito tanto às disposições internas quanto às situações externas, através dos campos afetivos, motores e cognitivos.

Portanto, podemos dizer que crianças não atribuem significados as brincadeiras e comportamentos que reproduzem, elas só querem se divertir, são as suas vivências que incorporam essa separação entre mundo feminino e masculino (SILVA; JORGE; FERREIRA, 2020).

## **6.2 ESPELHO, ESPELHO MEU: A IDENTIFICAÇÃO DAS CRIANÇAS COM CONTOS DE FADAS:**

Assim que uma criança nasce, começa o seu ciclo de aprendizagem à fim de formar sua personalidade, envolvendo questões como necessidade de satisfazer suas vontades e desejos. E na medida em que a criança é satisfeita e passa por momentos de frustração ela necessita aprender a controlar a agressividade e a raiva que sente. Quando alguns desejos não são satisfeitos o indivíduo começa a fantasiar e a desejar. Essas fantasias podem se manifestar através de sonhos, jogos ou através dos contos de fadas que convivem com as crianças (MACHADO, 2002).

Os contos de fadas são fundamentais para o desenvolvimento infantil, já que é por meio dessas histórias que as crianças se desenvolvem e demonstram seus sentimentos, suas emoções, seus medos, seus desejos e anseios mais profundos e aprendem a lidar com essas situações (TRES ET. AL, 2016).

Durante o grupo algumas crianças trouxeram o porquê gostavam ou se identificavam com os contos de fadas:

“Sim eu gosto das histórias, porque as histórias começam com problemas das princesas né, elas estão tristes e com problemas e depois encontram soluções e todo mundo fica feliz. “ (E4).

“Eu gosto da história, ai como é mesmo o nome? Da TinkerBell, ou Peter Pan tinha esquecido o nome porque não sei, ela é uma fada e faz mágicas e daí ela pode resolver os problemas dela né. [sic] (E4).

“A minha história favorita é a da Cinderela, porque eu gosto da parte que ela perde o sapato e mesmo assim encontra o príncipe e fica feliz vivendo no castelo com ele” (E2).

Os enredos dos contos nos trazem emoções típicas do cotidiano como: o ódio, inveja, ciúme, rejeição e frustração, que só é possível ser vivenciado e compreendido pela criança

através de uma maneira lúdica e simbólica dos seus sentimentos e fantasias (TRES [ET. AL. Et.](#) Podemos perceber que as crianças sentem esperança quando leem histórias em que encontram personagens em situações difíceis, mas que posteriormente conseguem resolvê-las e encontrarem a felicidade.

Ainda de acordo com a autora (2016) a família também exerce um papel fundamental na constituição da personalidade das crianças através dos contos, pois é a partir da narrativa dos contadores de histórias que as crianças entram em contato com o mundo simbólico, fazendo identificação com seus conflitos vividos na realidade, de acordo com os heróis, fadas, bruxas ou outros personagens.

“Sim eu gosto de contos de fadas, porque quando eu era mais pequena meus pais sempre contavam histórias pra mim antes de dormir, e sempre era histórias de princesas.” [sic] (E5).

Baseada em Vygotsky e Wallon a autora (HORI, 2016) salienta que escritores e leitores de sucesso, construíram ao longo de suas vidas, relações afetivas positivas em torno do ato de ler. Destacando a presença de mediadores importantes, tais como as pessoas marcantes, principalmente os pais, avós, irmãos mais velhos e professores que liam histórias e compartilhavam momentos agradáveis de leitura. De acordo com a autora, o incentivo da família é fundamental no aprendizado da leitura das crianças.

O momento de narrar histórias ou de ler para as crianças é uma ocasião especial na construção da relação interpessoal, sendo que a forma de narrar, o uso das palavras, o tipo de aculturação no relato de aspectos brutais da narrativa forma, ainda que inconscientemente na criança, a formação de valores morais e éticos, que elas levarão para a vida adulta, influenciando diretamente no seu modo de pensar, sentir e agir (SILVA; RODRIGUES, 2015).

Segundo os autores Falconi e Farago (2015), para o ouvinte infantil, não é relevante se a história é antiga ou se ela é contemporânea, pois ainda assim eles possibilitam para a criança, capacidades de se identificar com personagens. Através das falas das crianças foi possível notar que elas ainda se identificam com os contos de fadas [mais clássicos-clássicos, já que afirmam histórias que remetem a esse período, como Branca de Neve, Cinderela, etc.](#)

“A minha história favorita é a da Ariel, e aí, eu sei que é meio nada a ver mas é porque ela começa com a mesma letra que eu.” [sic] (E3).

“A minha favorita é a Branca de Neve, porque ela tem o cabelo curto e preto que nem o meu, e o mesmo tom de pele.” (E8).

“Eu gosto da Rapunzel, porque no primeiro ano da escola a gente fez uma peça e eu fui ela, foi bem legal” (E3).

Podemos analisar que as meninas se identificam com as princesas que lembrem algum traço da sua aparência ou personalidade, se permitindo fantasiar com esse local de “ser”.

Contudo essas identificações ~~podem tendem a~~ se tornar uma problemática ~~ao se~~ padrões patriarcais ~~e disciplinadores~~ do século XIX sobre o que é ser menina e menino, príncipe estão presentes nos contos de fadas e em suas versões cinematográficas, ~~potencializando~~ e padrões de comportamento preconceituosos que modelam as personagens para atender as exigências sociais da época, refletindo na interseccionalidade, questões como gênero e raça (SOUZA; OLIVEIRA, 2021).

Ao analisarmos o conto de fadas da Cinderela por exemplo, a mesma vivia suja e rejeitada pelas pessoas à sua volta, porém, no momento em que conseguiu limpar-se das cinzas, conquistou um príncipe demarcando sua ascensão social e ocupando seu lugar de poder na sociedade. Essa possibilidade de mobilidade social só aconteceu com o casamento da mocinha enfatizando à perpetuação da hegemonia branca masculina presente na grande maioria dos contos (SOUZA; CASTELEIRA, 2020).

Ainda de acordo com os autores (2020), ressalta se a falta de representatividade nas histórias pois ainda que na época prevalecia-se o corpo branco, nas narrativas ficcionais, sempre existiram pessoas negras.

Sendo assim, ~~podemos concluir~~ nota se que as crianças ~~acabam buscando~~ buscam nos a sua realidade, ~~possíveis identificações~~. ~~Destacando a importância que os contos de fadas~~ constituição de sujeito ~~da~~ criança, pois é através desses que as crianças conseguem se enxergar em situações corriqueiras do dia a dia. Muitas vezes essa identificação acontece por questões da história em si, que as crianças acabam se identificando ou gostando, ou por familiaridade com os personagens.

### 6.3 FELIZES PARA SEMPRE? A PERCEPÇÃO DAS CRIANÇAS SOBRE CONTOS DE FADAS:

“Ler é um ato de atribuir significados e de produzir sentidos não só em âmbito escolar, mas também na vida, participando da própria constituição do sujeito-sujeito” (GAELZER ET. AL, 2020, p. 71673). Dessa forma a leitura é um processo que participa da constituição da subjetividade dos sujeitos, tendo diversos significados atribuídos que depende de qual sentido o leitor irá atribuir (GAELZER ET. AL, 2020). Para Vygotsky, as crianças aprendiam coisas que constituíam as características comuns da sua cultura-idiossincrasia como mitos, contos de

canções e histórias que contribuíam ~~no processo de~~ socialização da criança para a respectiva (OLIVEIRA; RODRIGUES, 2019).

De acordo com (SILVA; RODRIGUES, 2021) os contos de fada vêm para intencional valores morais e éticos transmitidos para a sociedade, direcionando uma nova forma de pensar. No entanto muitas vezes, a figura da mulher acaba sendo mostrada de forma inferior, sempre atrelada ao estereotipo de donzela, o que acaba sendo naturalizado para os leitores.

Em muitos contos é possível perceber com clareza os traços de uma sociedade patriarcal, em que a mulher só seria relevante e percebida, caso tivesse beleza. Isto é, a beleza era a maior preocupação sobre a figura feminina e a mulher só seria digna da atenção e salvação por um “príncipe” caso fosse bela (MAIA ET. AL, 2020).

Quando as crianças são questionadas sobre como imaginam uma princesa, elas acabam nos trazendo esse padrão de estética.

“A princesa tem que ter olho verde ou azul e cabelo longo e gostar de vestido” (E2).

” Ela tem que usar um vestido longo até os pés e cheio de flor” (E8).

“Tem que ser bonita, com o cabelo liso, cor da pele clara, usar salto e unha grande” (E6).

O principal problema dos contos são as mensagens implícitas e não processadas que essas histórias transmitem, como: a perfeição generalizada, uma mulher que apenas será feliz se for casada com o príncipe; a submissão aceitável e voluntária e a objetificação inferida como bem-estar social. Essa pressão estética pode gerar um sentimento de insatisfação, uma rejeição pessoal, visando que muitas vezes essas crianças não se enquadrem nos padrões impostos (SILVA; RODRIGUES, 2021).

Além das questões da estética também podemos ressaltar características que submetem à passividade e inferioridade.

“Uma princesa é gentil, carinhosa, não pode ficar braba e ser feliz”. [sic] (E7).

“É legal, tem muitos amigos, gosta de animais e é bonita”. (E4).

“Ser princesa muitas vezes nossos pais não vão querer que a gente saia com os amigos, aí tem que seguir regras chatas e não posso brincar e ser livre. Eu queria ser livre se eu fosse uma princesa. “ (E3).

~~Corroborando~~ ~~Corroborando~~ com a fala das crianças, a sociedade ainda possui uma visão ~~espera e retrata as mulheres de forma passiva onde as mulheres são retratadas em estado de~~ ~~que devem ser submissas e não se colocarem não se colocando~~ como prioridade, visando as é satisfazer e responder às vontades alheias, não opinando com propriedade sempre disposta a obedecer, à manutenção do matrimônio, da casa e dos filhos (Vasconcelos, 2018), (SILVA; RODRIGUES, 2021).

“Muitas crianças, principalmente meninas, crescem com a ideia em comum de que devem ser privadas de muitas coisas e de que é necessário romantizar essas privações” (SILVA; RODRIGUES, 2021, p. 05).

Ainda segundo as autoras (2021), essas histórias também trazem consigo a ideia de que o casamento é a etapa fundamental para a mulher, desvalorizando suas conquistas pessoais e profissionais. Tal ideia propaga a concepção de que casar-se é essencial para a aquisição da felicidade da mulher o que pode influenciar na mente das crianças.

“Para mim final feliz é ter um príncipe encantado e sei lá acontecer alguma coisa boa.” [sic] (E2).

“Final feliz é quando é bem alegre, no começo é ruim e no final é mais bom igual no da Cinderela e Bela adormecida, que tem começo ruim e depois melhorou porque ela achou o príncipe.” [sic] (E8).

Ao assistirem o vídeo do príncipe beijando a Bela Adormecida, foi solicitado que as crianças comentassem sobre o que achavam.

“Eu acho romântico, porque ele salvou ela da morte” [sic] (E4).

“É romântico porque mostra que eles estavam apaixonados, já que ela acordou do feitiço se não fosse isso ela ia morrer e eles não iam casar e ser feliz” [sic] (E2).

Ao analisarmos as falas podemos constatar que as crianças não veem problemática na cena, entendendo a mesma como um ato romântico e não assédio, atribuindo a história novamente o estereótipo de o “o príncipe salva a princesa e vivem felizes para sempre”. Apesar de não ser unânime, tal visão segue cada vez mais frequente e é difícil de ser modificada, já que sua permanência está enraizada na mentalidade de muitos e na cultura social (SILVA; RODRIGUES, 2021).

Em contrapartida, como já vimos anteriormente, os contos de fadas dependem da singularidade dos leitores, isto é, cada criança que lê um conto, atribui um significado a ele, que por sua vez pode não ser igual ao de outro leitor. Durante o encontro, algumas crianças discordaram da visão de princesa e final feliz.

“Eu não acho que precisa ter príncipe no final feliz para mim pode ser uma amiga e também pode ser sozinha conseguindo algo que queria há muito tempo.” (E3).

“A minha princesa é brava com brincadeiras de mau gosto, bem alegre e gosta de correr bastante.” (E3).

Podemos destacar também que atualmente os contos de fadas estão crescendo e inovando, sendo produzidos por uma sociedade que está em constante transformação. Dentro dessas

modificações, ressalta-se a mudança da figura da mulher, como ela é retratada, e a modificação da representação dos relacionamentos amorosos (MAIA ET. AL, 2020).

Quando analisamos as histórias da Branca de Neve, Cinderela, Bela Adormecida podemos notar demasiada diferença, tanto de estética, quanto de personalidade para as heroínas atuais como Moana, Mérida, Tiana, etc. Não só pelo rumo das histórias que mostram mulheres mais decididas e muitas vezes sem a presença de um companheiro amoroso, mas também pela forma como elas são passadas, deixando de lado os livros e abrindo mais espaço para as produções de filmes. Quando as crianças foram questionadas sobre as diferenças entre as histórias da Branca de Neve e Moana, trouxeram questões ligadas a aparência e personalidade

“A Moana é mais tipo uma princesa do mato” [sic] (E2).

“A Moana é mais livre do que a Branca de Neve” (E4).

“A Moana é mais escura que a Branca de Neve” (E1).

“Eu gosto mais da Branca de neve porque ela tem um vestido bonito e eu gosto mais do estilo dela”. (E7).

“Eu gosto da Moana porque ela gosta de música e não obedece os homens e gosta da natureza que nem eu que gosto do mar.” [sic] (E3).

“Eu gosto da Moana porque ela tem o cabelo escuro e cacheado que nem o meu” (E5).

“Branca de neve tinha que ficar com os anões e trabalhar e gostava de ficar na floresta, a Moana gostava do mar e amadureceu pra salvar o povo dela.” [sic] (E6).

Essas falas nos mostram que as crianças são capazes de identificar as diferenças entre as princesas, não somente físicas, mas também em questões de personalidade. Contudo, apesar de ambas crianças afirmarem que sabiam que Moana era uma princesa, quando questionadas sobre suas histórias favoritas ninguém falou sobre ela. ~~Tal fato pode ser explicado pois q~~ Quando analisamos as falas das crianças sobre o que é ser princesa, notamos que elas ainda tem uma ideia ligada a feminilidade, padrão presente nas histórias clássicas como Branca de Neve e Cinderela. As personagens princesas são reconhecidas ~~tradicionalmente~~ por carregarem o maior número de simbologias ~~relacionadas ligadas~~ à realeza e ~~por serem são~~ lembradas ao longo dos séculos como o ideal de beleza e ~~conduta postura~~ feminina ~~desejada para separa~~ conquistar a completude feminina (SOUSA; OLIVEIRA, 2021, ~~p. 30~~).

Portanto podemos concluir que os contos de fadas interferem na percepção das crianças sobre questões como estética e relacionamentos, ~~bem como moldam~~ ~~influenciando- n~~o modo que as crianças entendem o “ser princesa”, que por sua vez é um papel ~~lúdico~~ muito importante dentro da infância para fantasias e resolução de conflitos.

## 7. CONSIDERAÇÕES FINAIS:

O presente estudo tinha como objetivo analisar qual a relação dos contos de fadas com a percepção das crianças sobre o feminismo. Os contos de fadas exercem um papel crucial no período de desenvolvimento da linguagem das crianças, contudo algumas das principais histórias ficaram paradas no tempo em que foram criados, retratando os preconceitos de uma sociedade patriarcal e machista, simbolizando as mulheres com inferioridade e diminuindo sua importância no contexto social. A falta de estudos relacionados com essa problemática foi a principal justificativa para realização desse estudo.

O estudo baseou-se em uma pesquisa de campo realizada numa escola no sul do estado de Santa Catarina através de um grupo focal, com 08 alunos do 4º ano do ensino fundamental, sendo 07 meninas e 01 menino, a fim de analisar a percepção das crianças sobre as histórias de princesas.

Foi possível identificar que as crianças ainda se identificam e gostam dos contos de fadas, não somente as histórias contemporâneas retratadas cinematograficamente, mas também preferindo as histórias clássicas. Contudo faz se interessante em uma próxima pesquisa analisar como essas representações cinematográficas afetam a concepção das crianças sobre os contos, que são passadas oralmente de geração em geração. Ao comparar as percepções dos ~~s-garotos~~ apesar de afirmarem conhecer os contos, sentem dificuldade em falar sobre as histórias pois veem esse território como uma “coisa de menina”, portanto não são incentivados a ler histórias, já que a sociedade ainda tem um senso comum que os contos de fadas são pensados somente para as meninas. Vale ressaltar, que inicialmente a turma para a pesquisa tinha 21 estudantes, e somente um menino foi autorizado pelos pais a participar, contemplando como essa divisão entre “feminino e masculino” está enraizado na sociedade. Esse preconceito de gênero com os contos de fadas, pode prejudicar as crianças do sexo masculino no futuro, pois além dessas histórias serem a porta para a literatura juvenil, elas também buscam passar princípios e lições de ética, bem como ajudam a criança a exercitar sua criatividade.

Entretanto através desse estudo, também foi possível constatar que os contos de fadas podem interferir na percepção das crianças sobre o feminismo. A grande maioria dos contos de acordo com os autores vistos, ainda possuem uma conotação machista que reflete na visão principalmente das meninas, que em sua maioria ainda enxergam a figura da princesa como um ser frágil, tendo sua principal característica a feminilidade e beleza, e um destino entrelaçado a uma figura masculina que deve ~~salva-la~~ salvá-la e propor casamento, contemplando o clichê dos “felizes para sempre”. Esse estigma pode ser prejudicial num futuro nem tão distante, pois essas

crianças podem crescer com um padrão de estética irreal, uma crença que as mulheres não são livres e são inferiores aos homens, tendo sua posição de sucesso sempre ligada ao matrimônio e lar.

Portanto, não se pode negar a importância que os contos de fadas exercem no desenvolvimento infantil, mas faz-se necessário que ao serem passados, a escola e a família busquem problematizar junto com a criança, ~~as questões que não estão mais de acordo na~~ as histórias possam desenvolver um senso crítico e questionar as problemáticas, refletindo sobre as mesmas. Pode ser interessante também reformar essas histórias, de forma que elas não percam suas propriedades de fantasia e auxílio na resolução de conflitos infantis, mas que também se enquadrem no atual momento em que vivemos, representando de forma fidedigna os personagens femininos.

Contudo vale ressaltar, que essa pesquisa foi realizada com uma pequena amostra de um determinado local, sendo necessário mais pesquisas com temáticas semelhantes a fim de compreender melhor as contingências envolvidas dentro do assunto.

#### REFERENCIAS:

AGUIAR, Eveline Lima de Castro., BARROS, Marina Kataoka. **A Representação Feminina nos Contos de Fadas das Animações de Walt Disney: a Ressignificação do Papel Social da Mulher**. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, Natal – RN, jul., 2015;

ALMEIDA, Flávio., et. al. **O protagonismo das personagens nos contos de fadas modernos**. Coisas do gênero: Revista de estudos feministas em teologia e religião, [S. l.], v. 6, n. 1, p. 111–123, 2021;

ALVES, Ana Karla Farias., ALVES, Ana Karina da Silva Alves. **As trajetórias e lutas do movimento Feminista no Brasil e o protagonismo social das Mulheres**. IV Seminário CETROS - Neodesenvolvimentismo, Trabalho e Questão Social, UECE, Fortaleza – CE, mai., 2013;

ALVES, Branca Moreira., PITANGUY, Jacqueline. **O que é feminismo?** Primeiros Passos, Editora Brasiliense, 2017;

ARAUJO, Patricia Martins De. **Protagonismo Feminino: Influências dos filmes de princesas da Disney para uma educação feminista**. Trabalho de Conclusão de Curso de graduação apresentado como requisito para obtenção de grau de Licenciado em Pedagogia pela Universidade Federal da Fronteira Sul – Campus Erechim, Erechim, 2017;

ARAUJO, Rubenilson. **Brincadeiras de Masculinidades, (RE) Configurações Familiares e relacionamento interrelacional em menino brinca com menina? De Regina Drummond.** Revista Humanidades e Inovação v.5, n. 3, 2018;

BASTOS, Ivanilda Maria Silva; PEREIRA, Sonia Regina. **A Contribuição de Vygotsky e Wallon na compreensão do desenvolvimento infantil.** Revista Linhas, Florianópolis, v. 4, n. 1, 2007;

BEAUVOUR, Simone de. **O segundo sexo. Fatos e mitos.** São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1961;

BETTELHEIM, Bruno. **A Psicanálise dos Contos de Fadas.** Editora Paz e Terra, mai., 2015;

BRABO, Tânia. **Movimentos Sociais e educação: Feminismo e Equidade de gênero.** Políticas Educacionais, Gestão Democrática e Movimentos Sociais, Marília/Oficina Universitária São Paulo/Cultura Acadêmica, p. 109-128, 2015;

BRABO, Tânia et. al. **Desafios à educação frente aos “novos” direitos humanos. A construção da Categoria de Gênero junto aos movimentos feministas e LGBT.** Itinerarius Reflectionis – Revista eletrônica da Graduação/Pós-Graduação em Educação, volume, 13, n. 2, 2017;

BREDER, Fernanda. **Feminismo & príncipes encantados: A representação feminina nos filmes de princesa da Disney.** E-galáxia, nov., 2015;

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade.** Tradução de Renato Aguiar, 1. Ed., Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 2018;

CARMO, Valter et. al. **As quatro ondas do Feminismo: Lutas e conquistas.** Revista de Direitos Humanos em Perspectiva, Encontro Virtual, v. 7, n. 1, p. 101 – 122, Jan/Jul, 2021;

CAMARGO, Sandra; SALGADO, Raquel. **Cada um brinca com o que quiser! Isso aí é rachismo! Infâncias, gêneros e sexualidades em debate na Educação Infantil.** In: SILVA, Adriana Alves; FÁRIA, Ana Lúcia Goulart de; FINCO, Daniela (Orgs.). “Isso aí é rachismo!” Feminismo em estado de alerta na educação das crianças pequenas: transformações emancipatórias para pedagogias descolonizadoras. São Carlos: Pedro & João Editores, p. 25-42, 2019;

CORREA, Hamilton Luiz et. al. **Um estudo sobre as características do método Delphi e de grupo focal, como técnicas na obtenção de dados de pesquisa exploratória.** Rev. Adm. UFSM, Santa Maria, v. 6, n. 1, p. 09-24, jan./mar., 2013;

CRUZ, Maria et. al. **Quem tem medo das Feministas? Análise crítica dos principais feminismos.** Anais do Salão Internacional de Ensino, Pesquisa e Extensão, v. 12, n. 2, 4 dez. 2020;

- FALCONI, Isabela Mendes., FARAGO, Alessandra Côrrea. **Contos de Fadas: origem e contribuições para o desenvolvimento da criança.** Cadernos de Educação: Ensino e Sociedade, Bebedouro-SP, 2 (1), p. 85-111, 2015;
- FELIPE, Jane. **O Desenvolvimento infantil na perspectiva Sociointeracionista: Piaget, Vygotsky e Wallon.** In: CRAIDY, Carmem Maria., KAERCHER, Gládis E. Educação Infantil: Pra que te quero? Artmed Editora, Porto Alegre, 2009, p. 27-37
- FINCO, Daniela et. al. **Feminismo em estado de alerta.** Zero-a-seis, v. 20, n. 37 p. 2-10, 2018;
- GAEZLER, Vejane et. al. **Contos de fada e as mulheres: ressignificando leituras.** Braz. J. of Develop., Curitiba, v. 6, n. 9, p. 71670-71687, 2020;
- GASQUE, Kelley Cristine G. D. **Teoria fundamentada: nova perspectiva à pesquisa exploratória.** In: MUELLER, Suzana Pinheiro Machado (Org.). Métodos para a pesquisa em Ciência da Informação. Brasília: Thesaurus, 2007. p. 83-118.
- GIBIM, Ana Paula; MULLER, Fernanda. **O que crianças pensam sobre família e relações de gênero?** Revista Zero-a-Seis, v. 20, n. 37 p. 76-94, 2018;
- GONÇALVES, Elisa Pereira. **Iniciação à pesquisa científica.** Campinas, SP: Editora Alínea, 2001.
- GUIMARÃES, Jaqueline., et. al. **O Conto de Fadas e a Importância no desenvolvimento infantil.** Anais da Jornada Científica dos Campos Gerais, v. 15, Ponta Grossa-PR, 2017;
- GURGEL, Telma. **Feminismo e luta de classe: História, movimento e desafios teórico políticos do feminismo na contemporaneidade.** Fazendo Gênero 9, Diásporas, Diversidades, Deslocamentos, Ago,2010;
- HIGA, Sue Ellen. **Práticas afetivas da Leitura na infância: Importantes mediadores na constituição do leitor.** Linha Mestra, n.30, p.515-524, 2016;
- HOOKS, Bell. **Mulheres negras: moldando a teoria feminista.** Revista Brasileira de Ciência Política, nº16, Brasília, jan.- abr, 2015, p. 193-210;
- KIKUSHI, Fabiana; PULLIN, Elsa Maria. **Preferências de leitura de alunos da última série dos anos iniciais do ensino fundamental.** IX Congresso Nacional de Educação – EDUCERE, III Encontro Sul Brasileiro de Pedagogia, 2009;
- LIMA, Juliana. **Feminismo: origens, conquistas e desafios no século 21.** Nexo Jornal, Explicado, mar., 2020. Disponível em <<https://www.nexojornal.com.br/explicado/2020/03/07/Feminismo-origens-conquistas-e-desafios-no-s%C3%A9culo-21#section-144>> Acesso em 26/09/2021;

LIMA, Márcia., et. al. **Influência da Literatura infantil no desenvolvimento da leitura e da oralidade.** Caderno de Graduação - Ciências Humanas e Sociais, UNIT - SERGIPE, v. 3, n. 2, p. 161–174, 2016;

LOPES, Karina. **Análise da evolução do estereótipo das princesas Disney.** Trabalho de conclusão de curso apresentado à banca examinadora do Centro Universitário de Brasília – UniCEUB, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social com habilitação em Publicidade e Propaganda, Brasília-DF, 2015;

LUCENA, Paola. **Educação infantil e Feminismo: Um estudo de caso.** Pluralidade de Temas e Aportes Teórico-Metodológicos na Pesquisa em História 4, Atena Editora, Ponta Grossa-PR, 2021;

MACHADO, Sonia Porto. **Sobre Fantasia e os contos de Fadas.** Revista Liberato, 3(3), 2002;

MACIEL, Kilbert., ROCHA, Antonia. **Contos de Fadas: Contribuições no Processo de Alfabetização e Letramento.** Research, Society and Development, v. 9, n.10, 2020;

MAIA, Ana Claudia et. al. **Padrões de beleza, feminilidade e conjugalidade em princesas da Disney: uma análise de contingências.** Revista Diversidade e Educação, v.8, n.Especial,p.123-142, 2020;

MARTINS, Maria. **Histórias que nossas Mães não nos Contaram: O revisionismo feminista dos contos de fadas.** Em Tese, Belo Horizonte, v. 10, p. 157-163, dez, 2006;

MARTINS, Ana Paula. **O sujeito nas ondas do feminismo e o lugar do corpo na contemporaneidade.** Revista Café com Sociologia, Vol.4, nº 1, Jan. - abr, 2015;

MEREGE, Ana Lucia. **Os Contos de Fadas: Origens, História e permanência no mundo moderno.** Editora Nova Alexandria, fev., 2019;

MIRANDA, Cynthia Mara. **Os movimentos feministas e a construção de espaços institucionais para a garantia dos direitos das mulheres no Brasil e no Canadá.** Interfaces Brasil/Canadá: Revista Brasileira de Estudos Canadenses, Canoas, v. 15, n. 1, p. 347-385, 2015;

OLIVEIRA, Laís Paula Rodrigues; CASSAB, Latif Antonia. **O movimento feminista: algumas considerações bibliográficas.** Anais do III Simpósio Gênero e Políticas Públicas, Universidade Estadual de Londrina, mai., 2014;

OLIVEIRA, Cristiane; RODRIGUES, Edile. **A cognição e afetividade no processo de aprendizagem.** Pontifícia Universidade Católica do Paraná, 2019. Disponível em <<https://www.gastaoguimaraes.com.br/site/wp-content/uploads/2019/07/A-cogni%C3%A7%C3%A3o-e-aprendizagem.pdf>> Acesso em 02/06/2022;

PALACIOS, Jesus. **Psicologia evolutiva: conceito, enfoques, controvérsias e métodos.** In: COLL, Cesar. Et. Al. **Desenvolvimento Psicológico e Educação: Psicologia Evolutiva.** Vol 1, 2 ed., Penso Editora, 2004, p. 13-52;

RESSURREIÇÃO, Juliana Boeira da. **A importância dos contos de fadas no desenvolvimento da imaginação.** 2010. Disponível em: [http://facos.edu.br/publicacoes/revistas/ensiqlopedia/outubro\\_2010/pdf/a\\_importancia\\_dos\\_contos\\_de\\_fadas\\_no\\_desenvolvimento\\_da\\_imaginacao.pdf](http://facos.edu.br/publicacoes/revistas/ensiqlopedia/outubro_2010/pdf/a_importancia_dos_contos_de_fadas_no_desenvolvimento_da_imaginacao.pdf) Acesso em: 07/11/2021;

SANTOS, Lígia., et. al. **As ondas do Feminismo na Sociedade: Aproximações, distanciamento e resistências no movimento de mulheres.** Anais XI Conages, Realize Editora, Campina Grande, 2015;

SILVA, Euzilene; RIBEIRO, Janete. **A importância da Literatura na Educação Infantil.** Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Campus Medianeira, Curso de Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino– EaD – UAB, 2015. Disponível em [http://riut.utfpr.edu.br/jspui/bitstream/1/20537/1/MD\\_EDUMTE\\_II\\_2014\\_51.pdf](http://riut.utfpr.edu.br/jspui/bitstream/1/20537/1/MD_EDUMTE_II_2014_51.pdf) Acesso em 02/06/2022;

SILVA, Maví; MENDES, Olenir. **As marcas do Machismo no cotidiano escolar.** Caderno Espaço Feminino -Uberlândia-MG -v. 28, n. 1, 2015;

SILVA, Patricia; RODRIGUES, Emer. **A romantização nos contos de fadas: A representação da inferioridade das mulheres.** Rev. Cient. Novas Configur. Dialog. Plur., v. 2, n.3, p. 01 - 14, 2021;

SILVA, Pedro; JORGE, Fabíola; FERREIRA, Francisca. **Meninas e meninos: brincar e suas relações de gênero.** Ensino em Perspectivas, Fortaleza, v. 1, n. 2, p. 1-7, 2020;

SOUZA, Ravelli; OLIVEIRA, Marta. **A violência de gênero nos contos de fadas: Atributos para pensar a (s) infância (s) e a educação na contemporaneidade.** Saberes Pedagógicos, Criciúma, v. 5, n°2, 2021;

SOUZA, Ravelli, CASTELEIRA, Rodrigo. **A lógica do embranquecimento no conto de a gata borralheira: intersecções entre raça e gênero no contexto educacional.** VI Simpósio Gênero e Políticas Públicas, 2020;

TIBURI, Marcia. **Feminismo em comum. Para todas, todes e todos.** Rosa dos Tempos, 1. Ed., Rio de Janeiro, 2018;

TINOCCO, Dandara. **Pesquisa do Pisa comprova que meninas leem mais, e meninos são melhores em matemática.** O Globo, 2014. Disponível em: < 21042014oglobo-PesquisadoPisacomprovaquemenasleemmaisemeninossaomelhoresematematica.pdf (sfo2.cdn.digitaloceanspaces.com)> Acesso em 25/05/2022;

TRAD, Leny Bomfim. **Grupos focais: conceitos, procedimentos e reflexões baseadas em experiências com o uso da técnica em pesquisas de saúde.** Physis Revista de Saúde Coletiva, Rio de Janeiro, 19 [ 3 ]: 777-796, 2009;

TRES, Jenaina et. al. **Os efeitos dos contos de fadas na subjetividade.** Salão do Conhecimento, XXI Jornada de Pesquisa, Unijui, 2016;

VASCONCELOS, Aline. **Do discurso machista em A bela adormecida ao discurso feminista em malévola: o papel da mulher na sociedade ao longo destas narrativas fantásticas.** UEPB, 2018;

XAVIER, Constantina Filha. **Era uma vez uma princesa e um príncipe...: Representações de gênero nas narrativas de crianças.** Estudos Feministas, Florianópolis, 19(2): 336, maio/ago., 2011.

#### **DEDICATÓRIA:**

Dedico este trabalho a minha criança interior, que cresceu ouvindo histórias de princesas que esperam ser salvas por príncipes encantados. Até que a criança cresceu e entendeu, que nos contos de fadas da vida real, a princesa é a única que pode salvar a si mesma.

#### **AGRADECIMENTOS:**

Gostaria de agradecer primeiramente minha família, em especial a minha mãe, que sempre foi meu alicerce e a base da minha vida, sem ela não seria nada do que sou.

Aos meus amigos, principalmente Nicole e Guilherme que me acompanharam nessa jornada árdua e gratificante que é a graduação.

A minha orientadora Maria Izabel, que me ajudou a pensar no tema e a construir esse trabalho tão especial pra mim.

